

POLIDEZ COMO PRÁTICA LINGÜÍSTICO-CULTURAL

Luciana Slomp Bancich¹

Resumo: A realização de atos de fala de polidez revela práticas sociais de uma comunidade. O estudo realizado com habitantes da cidade de Caxias do Sul (zona rural e urbana) sobre a forma de cumprimentar, de agradecer, de recusar um convite, de receber visitas em casa e de despedir-se delas revela aspectos da história da imigração italiana na região, que necessitam ter lugar no ensino de Português-Língua Estrangeira.

Palavras-chave: polidez; cultura; Português-Língua Estrangeira

Para ensinarmos Português-Língua Estrangeira, precisamos buscar recursos nas fórmulas que os nativos usam para serem polidos dentro de sua cultura, já que acreditamos que exista a impossibilidade de ensinar uma língua estrangeira desvinculada dos aspectos socioculturais e históricos que a constroem. Lado (1964, p.10-27) define bem essa questão:

Não se pode entender uma linguagem sem entender alguns dos significados de distinção cultural expressos através dela. Isso envolve conhecimento de fatos específicos relacionados à cultura e algum entendimento da maior parte dos pensamentos, crenças, tradições e valores que indicam o modo como o povo vive e se comporta e dá significado para suas atitudes. [...] Uma visão dos grandes acontecimentos da cultura também é necessária, já que a memória desses acontecimentos é parte do presente. [...] No entanto, é preciso desmistificar os falsos clichês. O conteúdo cultural precisa ser autêntico. [...] o objetivo é ensinar uma língua e o conteúdo cultural necessário para conhecer e usar essa língua.

Da mesma forma, Almeida Filho (1990, p.28) posiciona-se afirmando que, numa postura comunicativa de ensino, a linguagem não pode ser tomada como objeto exterior ao aprendiz, mas

¹ Docente do Programa de Português para Estrangeiros e do Departamento de Letras e mestranda do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul.

sim como processo construtivo e emergente de significações e identidade. Aprender uma língua não é somente aprender outro sistema, nem passar informações a um interlocutor, mas construir no discurso (a partir de contextos sociais concretos e experiências prévias) ações sociais e culturais apropriadas.

Sintetizando os pressupostos teóricos em relação à abordagem de ensino emergente, temos em Widdowson (1991), um dos pioneiros da definição das bases da abordagem comunicativa, um defensor da relevância de temas interdisciplinares como forma de proporcionar o ensino de uma língua para o uso real (*use*) e não simplesmente para a prática de formas (*usage*). O uso real, sem dúvida nenhuma, envolve o conhecimento da cultura local bem como dos componentes funcionais, comunicativos, pragmáticos e situacionais. De fato, o ensino da Língua Portuguesa como Língua Estrangeira serviu de pretexto para os estudos da Polidez e da forma como ela se dá na região de descendentes de imigrantes italianos, já que não podemos separar a cultura do ensino de línguas.

O cumprimento, por exemplo, é considerado um ato de polidez universal, mas “praticado” de maneira diferente em cada cultura. A maneira como as pessoas se cumprimentam revela a visão que elas têm do outro. O profissional que ensina uma língua estrangeira deve estar consciente dos modos de interação da língua-alvo já que ele precisa instrumentalizar os seus alunos a utilizarem as fórmulas de polidez adequadas às diferentes situações de comunicação. Como docente do Programa de Português para Estrangeiros (PPE) da Universidade de Caxias do Sul, senti a necessidade de listar fórmulas de polidez da cultura local para ensinar aos alunos estrangeiros, juntamente com os significados socialmente construídos, já que esse ato é indispensável para a sua adaptação ao país e à cultura local.

O Programa de Mestrado em *Letras e Cultura Regional* da Universidade de Caxias do Sul oportunizou-me a realização da pesquisa em andamento *Polidez e valores socioculturais no ensino de Português-língua estrangeira*, na qual foram entrevistados 16 nativos da região de imigrantes italianos da cidade de Caxias do Sul (zona urbana e zona rural - São Roque, interior de Forqueta). Para selecionar os informantes, considerou-se o gênero, a faixa etária e o local de residência. A faixa etária 1 corresponde à idade entre 15 e 20 anos (adolescentes); a 2, à 25 e 35 anos (jovens); a 3, à 40 e 55 anos (adultos); e a 4 à 60 anos ou mais (idosos). A entrevista consistia, entre outras questões, de 10 situações em que apareciam 5 atos de fala de polidez: cumprimentar, agradecer, recusar um convite, receber visitas e despedir-se delas.

1. Antropologia Lingüística

Para analisarmos as expressões calcadas no *uso*, fornecidas pelos nativos, buscamos recursos na Antropologia Lingüística (Foley 1997) que preocupa-se com o lugar da língua no seu contexto social e cultural e busca o significado das práticas lingüísticas dentro das práticas culturais. Em outras palavras, a Antropologia Lingüística vê a língua através do prisma da cultura e, por isso, busca o *significado* atrás do uso ou do não-uso da língua, suas diferentes formas, registros e estilos. É, portanto, uma disciplina interpretativa que faz uso da língua para compreender a cultura.

Para Foley (1997), para entendermos de que forma o significado é construído socialmente, precisamos entender a forma como o sistema nervoso funciona. Ele faz uma analogia do sistema nervoso (SN) com um casal dançando. Eles dançam conforme a música, sempre acompanhando as mudanças do ambiente e alterando seu comportamento de acordo com as mudanças no ritmo da música. Um detalhe importante é que o casal precisa estar dançando no mesmo ritmo, na mesma velocidade, ou seja, os indivíduos precisam estar coordenados entre si. Da mesma forma, o SN é limitado pelo seu próprio estado e pela variedade de estados subseqüentes possível. Então, devido à sua natureza automodificadora, o SN passa continuamente por mudanças estruturais.

Nesse processo operacional do SN, os resultados do seu processo interno são mais importantes do que o processo interno em si. Minsky (1986, p.288 apud Foley, 1997, p. 9) assim expressa esse processo:

Os cérebros usam processos que mudam a si mesmos e isso significa que não podemos separar tais processos dos produtos que eles produzem. Em especial, os cérebros fazem memórias que modificam o modo como nós iremos pensar. As principais atividades do cérebro são de fazer mudanças em si mesmos.

O SN pode ser comparado a um termostato. Ele mantém as mudanças internas possíveis no organismo dentro de certos limites. “O sistema nervoso funciona como uma rede fechada de mudanças em relação à atividade entre seus componentes” (Maturana e Varela 1987, p.164 apud Foley, 1997, p. 10). Assim, o que conta como “ambiente” para os propósitos das células sensório-

receptoras emerge do mundo somente através da organização do SN atual que, por sua vez, é em parte, uma função da sua história de organizações prévias. O ambiente não é visto como um objeto de conhecimento fora do seu estado de fechamento operacional do SN, isto é, ele não é pré-dado; ao contrário, ele serve como desencadeador de mudanças no SN, e esse “permite” ao mundo que seja o “ambientador” da sua significação para presentes e possíveis estados subseqüentes de organização. Essa história de interação recorrente entre o organismo e o ambiente é o que Maturana e Varela (1987, p.164 apud Foley, 1997, p.10) chamam de *acoplamento estrutural*, um conceito fundamental à Antropologia Lingüística, na concepção de Foley.

Todas as interações e os *acoplamentos estruturais* levam a mudanças estruturais nos neurônios e, por isso, afetam a operação do SN. Cada ato de cognição depende do fechamento operacional do SN e sua plasticidade resulta da contínua transformação relacionada à transformação do ambiente, de como cada interação o afeta. Assim, podemos visualizar esse processo como aprendizagem. Portanto, os sistemas não operam por representação, *não representam* um mundo independente, mas *atuam* (n)ele.

O conhecimento é fundamentalmente um fenômeno biológico, uma relação de *acoplamentos estruturais* entre o organismo e o ambiente que, juntos, atuam um mundo de significados. O conhecimento é, portanto, uma *ação* num dado contexto, ou seja, uma ação incorporada, uma *ação corporificada*. Foley (1997) afirma que “nosso ser biológico é uma construção social e cultural” (1997, p.13).

Assim sendo, a cultura resulta das relações sociais e é aprendida como forma de conhecimento dentro dessas relações, ou seja, os significados das práticas culturais são “decididos”/definidos nas relações sociais entre as pessoas de uma determinada sociedade. Portanto, os comportamentos resultam da dinâmica da vida social e passam de geração a geração. A cultura é vista como uma rede de significados e é constituinte do ser humano, faz parte dele. Portanto, não há dualismo entre cultura e natureza. A cultura é a natureza na sua evolução máxima (Paviani).² Então, cultura é simplesmente o domínio das práticas culturais, cujo significado gera as práticas que são sustentadas através dos *acoplamentos estruturais* entre as pessoas. As práticas lingüísticas fazem parte das práticas culturais. Tanto a língua quanto a

cultura não podem ser vistas como domínios independentes. As práticas lingüísticas são constituintes da cultura e, a partir dessa concepção, analisaremos a língua como reveladora de práticas sociais da cidade de Caxias do Sul.

2. Teoria das Faces

Além da Antropologia Lingüística, nossa análise será subsidiada pela Teoria das Faces, desenvolvida por Penelope Brown e Stephen C. Levingson (1987) a partir dos estudos cunhados pelo sociólogo americano Erving Goffman (1967), que estuda as produções lingüísticas orais dentro do quadro da interação face a face do ponto de vista social. A análise da interação através dessa teoria nos fornece o entendimento de como a língua é situada em circunstâncias da vida social e como ela reflete e fornece significado e estrutura a essas circunstâncias.

Goffman (1967, p.5) sugere que uma forma de ver o *self*³ como uma construção social é através da noção de *Face*, em que “o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si pelo papel que os outros acham que ele tenha assumido durante um contrato específico”.

Segundo Goffman (1967, p.71 apud JAWORSKY & COUPLAND, 1999), uma forma de manutenção da Face é o ritual interpessoal, que se divide em ritual de apresentação e ritual de evitamento. Esses rituais são explorados por Brown e Levinson no seu trabalho sobre polidez e sobre como os desejos da Face são refletidos e negociados na forma lingüística e como estratégia comunicativa.

A noção de Face foi dividida por Brown e Levingson (1987) em:

- Face Positiva – o desejo que cada um tem de que suas necessidades sejam supridas. A auto-imagem positiva ou ‘personalidade’, incluindo o desejo dessa auto-imagem ser apreciada e aprovada.
- Face Negativa – o desejo que cada um tem de que suas ações não sejam impedidas pelos outros. Os limites básicos de território/espço, de defesa pessoal, de direito a não distração. Exemplo: direito de ação e de liberdade frente à imposição.

² Notas de aula do Seminário de Antropologia Filosófica de 25/06/03 para o curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, ministrada por Jayme Paviani.

³ *Self* - senso de quem somos social e individualmente

O modo como usamos a língua serve para equilibrar os aspectos das faces: tanto o positivo quanto o negativo. Se pedirmos um favor para alguém, isso pode significar uma mudança no equilíbrio vigente, já que a pessoa a qual foi pedido um favor, terá (ou não) que alterar seus planos. Brown e Levingson (1987) afirmam que o conhecimento das noções de Face ou de auto-imagem, e a necessidade social para a orientação pessoal na interação são universais já que, em qualquer sociedade, o respeito próprio é requerido, embora tais noções sejam diferentes em cada cultura (os limites exatos ao espaço pessoal, e em que consiste publicamente a personalidade). O aspecto mais saliente da personalidade de uma pessoa numa interação é o que essa personalidade exige dos outros. Em específico, inclui o desejo de ser ratificado, compreendido, aprovado e admirado. O sentido específico de ‘desejo’, desenvolvido por Brown e Levingson (1987), nos remete ao conceito de Face Positiva, abaixo exemplificado:

‘Mrs. B. é uma jardineira fervorosa. Ela gasta horas e horas no jardim com suas rosas. Ela tem muito orgulho de suas plantas, por isso gosta de receber elogios. Mrs. B. fica super satisfeita quando alguma visita diz: ‘Que rosas lindas! Eu queria que as minhas fossem iguais a essas... Como a senhora consegue isso?’. A visita disse o que a Mrs. B. esperava receber.

De acordo com Foley (2002, p.270), a Polidez pode ser conceituada como sendo “um conjunto de habilidades sociais que objetiva a certeza de que cada indivíduo se sinta socialmente afirmado”, e para Spolsky (1998, p.19), a Polidez, “em termos mais simples, consiste no reconhecimento do ouvinte e de seus direitos dentro de uma determinada situação”. Ainda, na sua dissertação de mestrado sobre *O Discurso da Polidez*, Alves (1994, p.60), afirma que a polidez não é um instrumento na comunicação, mas, antes, uma verdadeira “estratégia social”, incidindo, de maneira muito importante, em sua eficácia e, portanto, definindo, em grande parte, fenômenos aparentemente desconectados entre si, como a entonação, a escolha de termos, aspectos gramaticais, formas de tratamento e um sem-número de sutilezas. “A polidez é, então, a manifestação, através da fala, de respeito, em relação à face do outro. Comumente vem acompanhada de uma demonstração, mostrando nossa preocupação pelo outro, quando estamos justamente no ato de ameaçar a sua face” (Wolfson, 1989, p.67). Estudar a forma de manutenção da Face de uma determinada cultura é estudar as regras da interação social, de acordo com

Goffman (1967, p.309 apud JAWORSKY & COUPLAND, 1999). Veremos abaixo as estratégias de polidez cunhada pelos autores da Teoria da Polidez, que nos servirão como base para análise das estratégias que são (ou não) utilizadas na região de imigração italiana em questão.

a) Lista de estratégias de polidez positiva

- ✍ prestar atenção e atender as necessidades, os desejos e zelar pelos bens do Outro (O)
- ✍ exagerar, mostrando interesse, aprovação e simpatia para com o O
- ✍ intensificar o interesse do O
- ✍ fazer uso dos marcadores de identidade social
- ✍ buscar acordo sempre
- ✍ evitar desacordo
- ✍ pressupor, levantar e afirmar o que se tem em comum
- ✍ brincar
- ✍ afirmar, pressupor e mostrar preocupação com os desejos do O
- ✍ oferecer, prometer
- ✍ ser otimista
- ✍ incluir o O nas atividades
- ✍ dar razões ou fazer perguntas
- ✍ assumir ou afirmar reciprocidade
- ✍ presentear o O com objetos, simpatia, compreensão, cooperação

b) Lista de estratégias de polidez negativa

- ✍ ser direto
- ✍ questionar, dar limites
- ✍ ser pessimista
- ✍ minimizar o tamanho da imposição do O
- ✍ dar-se o respeito
- ✍ pedir desculpas
- ✍ ‘impersonalizar’, evitando os pronomes ‘eu’ e ‘tu’
- ✍ declarar os atos ameaçadores de Face como regra geral

✍ nominalizar

✍ cobrar o que o O se comprometeu fazer

Como cada cultura possui seu próprio modo de atuar a polidez, poderíamos formar categorias próprias de como, por exemplo, as pessoas se cumprimentam, a partir do que é dito numa situação em que amigos não se vêem há bastante tempo. Vejamos o que os nativos de Caxias do Sul dizem nesta situação de interação: *Você encontra seu/sua melhor amigo(a) na rua, depois de muito tempo sem vê-lo (a). Como você cumprimenta?*

Homens da zona rural

Faixa etária 1	R	Beleza? Como é que (es)tá?
Faixa etária 2	M	Não morreu ainda? Como é que (es)tá?
Faixa etária 3	R1	Como é que vai? Há quanto tempo!
Faixa etária 4	T	(Dou um abraço) Tudo bem? Como vai a família? Quanto tempo que a gente não se via!

Homens da zona urbana

Faixa etária 1	R2	[Do(u) um gritão, o maior abraço] Bah! Quanto tempo! E aí, meu? O que tu (es)tá fazendo da vida?
Faixa etária 2	D	Ooooo! Fulano! Como é que tu (es)tá? Tudo bem contigo?
Faixa etária 3	C	Puxa! Onde é que tu (es)tava, desaparecido?
Faixa etária 4	M1	Oi! Tudo bem? Como é que vai? Há quanto tempo eu não te via!

Mulheres da zona rural

Faixa etária 1	R3	Oi! Tudo bem? Há quanto tempo a gente não se vê!
Faixa etária 2	V	Oi! Tudo bom? Quanto tempo!
Faixa etária 3	R4	Ô! Quanto tempo que a gente não se vê! Como é que (es)tá?
Faixa etária 4	I	Bah! Quanto tempo que não te via! (O) que que aconteceu?

Mulheres da zona urbana

Faixa etária 1	T2	Ooooo! Como é que (es)tá? Como é que tu não me liga mais? Me liga. Vamos sair.
Faixa etária 2	S	Oi, perua!
Faixa etária 3	J	Ah! Que saudades! Quanto tempo! Como vai, querida?
Faixa etária 4	V1	Ah! Quanto tempo que eu não te via mais! Pensei que tinha morrido, já! Nunca mais te vi!

Podemos perceber que existe uma preocupação, um interesse e um respeito à Face positiva do interlocutor quando se pergunta como ele está: *Beleza? Como é que (es)tá?, Como é que vai?, Tudo bem/bom? Como vai a família?, E aí, meu? O que tu (es)tá fazendo da vida?, Como é que tu (es)tá? Tudo bem contigo?, Como vai, querida?* Tais perguntas abrem espaço ao diálogo, ao mesmo tempo em que dão liberdade ao interlocutor de falar sobre suas conquistas e/ou problemas. E isso acaba por aproximar ainda mais os amigos.

Percebemos também a recorrência de expressões que demonstram a falta que a pessoa fez: *Há quanto tempo! Quanto tempo que a gente não se via! Quanto tempo! Ô! Quanto tempo que a gente não se vê! Bah! Quanto tempo que não te via! Ah! Quanto tempo que eu não te via mais! Pensei que tinha morrido, já! Nunca mais te vi!* Tais expressões também podem estar demonstrando uma cobrança implícita, inserida nas estratégias de polidez negativa, com perguntas que questionam de forma direta, dando limites, além de ‘gravarem’ o que outro se comprometeu fazer, como em: *Onde é que tu (es)tava, desaparecido? Como é que tu não me liga mais? Me liga.*

Há também expressões que parecem ser típicas da região, principalmente da zona rural, reconhecida e utilizada entre os mais velhos, como *Não morreu ainda? Pensei que tinha morrido já!* Ao contrário do que possa parecer literalmente como frases chocantes, culturalmente elas têm a intenção de demonstrar o reconhecimento de que faz tempo que eles não se viam e, ainda, demonstrando a falta que a pessoa fez. Veja como um dos entrevistados informou sobre a expressão *Não morreu ainda!*

1. O que significa? SERVE PARA DEMONSTRAR CARINHO, INTIMIDADE
2. Quem diz? ADULTO PRÁ CIMA

3. Para quem é dito? TEM QUE SER PARA UMA PESSOA ÍNTIMA
4. Em que situação? QUANDO FAZ TEMPO QUE NÃO VÊ A PESSOA
5. De que forma se diz? RINDO, BEM ESPALHAFATOSO

De acordo com a categorização de Brown e Levingson (1987), a brincadeira é uma das estratégias de preservação da Face positiva, assim como o exagero, mostrando interesse, aprovação e simpatia para com o outro. As expressões *Bah! OOOoi! Puxa! Ô!* e *Ah!* parecem demonstrar uma surpresa também positiva.

A utilização da nominalização em *Oi, perua! Como vai, querida? Ooooi, Fulano! E aí, meu? Onde é que tu (es)tava, desaparecido?* representam carinho, mesmo os que têm a presença de ironia, apesar de a nominalização estar na lista das estratégias de polidez negativa.

3. Considerações finais

A pesquisa ainda está em andamento e os resultados são preliminares. Nossa tarefa maior será de relacionar a forma como os nativos de Caxias do Sul realizam a polidez com a história de imigração italiana e a cultura regional.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de; LOMBELLO, Leonor (Orgs.). *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Identidade e caminhos no Ensino de Português para Estrangeiros*. Campinas, SP: Pontes: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de (org.). *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1997.
- ALVES, Adda-nari Menezes. *O discurso da polidez: um estudo pragmático da aprendizagem do espanhol como L2*. UFRGS, 1994.
- AUSTIN, John L. *How to do things with words*. Massachusetts: Harvard University Press, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. 14.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BROWN, Penelope & LEVINGSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, Penelope & LEVINGSON, Stephen C. Politeness: some universals in language use. In: JAWORSKI, Adam & COUPLAND, Nicolas. *The Discourse Reader*. New York: Routledge, 1999.
- _____. *Universals in language usage: politeness phenomena*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.
- GOMES DE MATOS, F. & WIGDORSKY, L. Planejamento de curso de português para falantes de espanhol: uma proposta de bases alternativas em contexto de imersão. In: *Trabalhos em lingüística aplicada*, vol. 16, Unicamp, Campinas, 1990.
- DURKHEIM, Emile. *The Rules of the Sociological Method*. New York: Free Press, 1895.

- FOLEY, William A. *Anthropological linguistics: an introduction*. University of Sydney: Blackwell Publishers, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Garden City, N.Y.: Anchor/Doubleday, 1967.
- GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: JAWORSKI, Adam & COUPLAND, Nicolas. *The Discourse Reader*. New York: Routledge, 1999.
- HINKEL, Eli. *Culture in second language teaching and learning*. Cambridge University Press, 1999.
- HUDSON. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- LYONS, John. *Linguagem e lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MCKAY, Sandra Lee & HORNBERGER, Nancy H. *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge Applied Linguistic, (s/d).
- SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1997.
- SEARLE, John R. *Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SPOLSKY, Bernard. *Sociolinguistics*. Oxford University Press, 1998.